

EDITOR  
Illydio Analyde da Costa

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Travessa da Trindade, 12, 2.º

LYTHOGRAPHIA MATTA  
Rua da Magdalena

# Marselheza

Caricaturas de

CHICO LISBOA

Degenhos de

TRINDADE CORREIA

LISBOA, 23 DE OUTUBRO DE 1898

## A Liberdade de Imprensa em Portugal



BAPTISTA MACHADO

Será difficil imaginar-se um espectáculo mais curioso do que e o que actualmente offerece o Poder em Portugal á contemplação dos que ainda se interessam por assumptos de liberdade e civilisação.

Como se sabe, a interessante phantasmagoria internacional a que se chamou Congresso de Imprensa deu azo a que o governo onde se encontram Alpoim e Beirão, isto é, o *sans culotte* do Campo Pequeno e o plagiario de Mirabeau, procurasse realizar um extranho capricho, qual foi de o se attribuir facultades de democracia e de progresso. Para esse fim esforçou-se por evidenciar aos estrangeiros convidados a uma viagem recreativa ao *paiz do sol* não só uma apparente cultura intellectual, revelada n'um supposto interesse pelas manifestações do pensamento, como uma capital em termos, expungida da

questão social e integrada na formula do asseio pela desaparição momentanea de uma legião de mendigos e slejados.

Durante uma semana, pouco mais ou menos, esta capa, este lençol, este remendo de civilisação, foi apresentado aos homens recém-chegados da fronteira, que nos não conheciam e que só vinham aqui para se divertir, como sendo a verdadeira superficie da sociedade portugueza. A policia andou de luvas, — o que faria sorrir os janizaros de Alexandria, — o Estado mostrou-se apologista da imprensa, quer dizer, da divulgação de idéas, que elle tem suffocado nas cadeias e nos presídios, e aquelles mesmos que têm exercido até hoje a traição professional de todos os principios foram precisamente os que mais alto reivindicaram a honestidade e a intrepidez da missão d'este responsavel das almas que se chama o jornalista moderno.

Nunca se vio, na verdade, uma maior exposição d'esse pavoroso montão de mentiras convencionaes que Max Nordau poz a nú, com a claridade do seu bom senso e a vasta erudição do seu espirito!

Comprehende-se, por isso, quanto esta tarefa, esta representação, esta theatrada se tornaria fatigante para aquelles cujo ideal é, na realidade, fazer de Portugal, não uma França ou uma Suissa, mas uma Hespanha ou uma Turquia. Por isso, a fesia, como se sabe, não foi ao fim, e a policia do Porto foi o primeiro instrumento da impaciencia do governo, lançando as mãos enluvadas de branco ao braço de madame Sorgue, e recompensando-a do seu acto de benemerencia em Thomar com um passeio pelo Porto, sob prisão, e uma chuva de intimações absurdas e desleaes á denodada socialista.

Era o primeiro symptoma de regresso á normalidade da existencia politica do paiz.

Partido o ultimo congressista, rompe de novo o *cancan* da oppressão progressista, e o Poder regressa aos velhos habitos com o prazer de quem torna a vestir um fato á medida do seu corpo. A população de mendigos é restituída á sua cidade e a policia descalça as luvas para acutillar o *Cantigas*, esse desordeiro da Mouraria que, no dizer d'uma testemunha, não levava senão uma perna inteira para o hospital. E, enquanto a policia tira as luvas, o governo arranca a mascara.

Quer tirar a desforra do tempo perdido e da hypocrita attitude, que, todavia, ninguém lhe impoz nem sollicitou.

Então usa-se e abusa-se da lei e até da propria illegalidade. Volta o delirio das querellas contra o mais simples murmurio do pensamento livre. Persegue-se, intima-se, julga-se, prende-se, accusa-se, denuncia-se. Entra-se até no dominio das consciencias alheias para determinar intenções, e trata-se de povoar o Limoeiro com os jornalistas portuguezes com tanta ou maior sollicitude do que aquella com que se recebeu na Sociedade de Geographia os jornalistas estrangeiros dos quaes se pretendeu fazer meros vehiculos de *réclames* internacionais.

A primeira da nova fornada de victimas que se prepara foi o nosso collega da *Folha do Povo*, o sr. Baptista Machado. Eil-o, no seu carcere, como um depoimento do que é e do que vale a felonía progressista.

Ninguém, afinal de contas, sabe porque elle está preso. Nem elle proprio, porventura, porque o jornalista portuguez prisioneiro por imaginarias culpas que nunca pesam na sua consciencia, — um dito, uma phrase, uma palavra, uma virgula, — não é victima dos excessos da sua linguagem mas sim da sua orientação politica. O que n'elle se ataca não é o pensamento subversivo que nem póde chegar a exprimir, é apenas a côr do laço da sua gravata ou o padrão do seu casaco. Diz-se: — um jacobino, um vermelho, como se dizia — um malhado, um *pedreiro livre*. E' um inimigo, eis tudo, e apenas se lamenta que não seja possível sepultal o na torre de S. Julião da Barra em vez de o encafiar no Limoeiro. E' este, simplesmente, o caso de Baptista Machado.

# O Pinhal da Rua dos Capellistas ou a roubalheira dos cambios

(DRAMA DA ACTUALIDADE)



«FARTAR VILLANAGEM!...» (Tremulo na orchestra)

# AINDA O ATTENTADO



Popularidade dos principios liberaes em Portugal

## JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

A *Marselheza* cumpre apenas um singelo dever prestando a sua homenagem ao jornalista e ao democrata Joaquim Martins de Carvalho, que acaba de fallecer em Coimbra, tendo ainda na mão a sua penna interpedida que foi a sua espada de combate, em todas as luctas da Liberdade e do Direito.

A sua vida foi um exemplo,—d'estes exemplos fortificantes que, pela sua forte acção moral, sustentam, rejuvenescem as consequências de todos os que se dedicam a um trabalho de progresso.



Com perto de oitenta annos, elle era novo, porque a sua alma não conhecia o desanimo nem o seu espirito se resignava ao estagnamento em que se dissolvem tantas energias humanas. Martins não parou, isto é, foi sempre um homem do seu tempo. A medida que as idéas caminhavam, elle acompanhava-as na vanguarda, e se nem sempre foi um arauto das novas cruzadas do pensamento, ellas encontraram-o sempre entre os seus mais firmes e dedicados soldados. Perto da morte, os seus actos eram sempre orientados por uma grande comprehensão da Vida, e assim é que elle não teve receio de se declarar um republicano militante, porque n'uma nova applicação governativa dos principios de liberdade, que elle amava mais do que a luz dos seus olhos, o seu claro cerebro antevia a regeneração do seu paiz.

Coimbra, Portugal inteiro fez-lhe os funeraes grandiosos que a admiração, o respeito, a solidariedade, tributam aos homens sinceros, que seguiram um ideal como uma estrella, e no serviço d'esse ideal affirmaram a personalidade humana. Porque dizendo que Martins de Carvalho foi um homem, isto é, um espirito está dita a unica palavra que pode honrar a sua memoria.



No numero das pessoas maltratadas pela imprensa estrangeira, a proposito do congresso jornalístico, figura o nosso excellent ministro em ferias Antonio Ennes.

Emfim, não se pôde dizer que o conclave fosse inteiramente calamitoso.

## SORTES DE GAIOLA

O governo resolveu-se afinal a dizer que queria vender as colonias.

Esta noticia veio-nos por intermedio de um jornal da provincia—O *Primeiro de Janeiro*, que, por continuar a ser tribuna do Marat da Colligação Liberal, passou a ter tribuna do governo, visto que Marat governa.

Além do annuncio de que o governo está disposto a dar ás colonias o destino que deu ás 72:000 obrigações do caminho de ferro do Norte e Leste, se não houver quem lhe ponha embargos, o que essa noticia contém de curioso é a ameaça de que o governo saberá defender-se dos inimigos de dentro.

Cumpe notar que, apesar de ser o governo quem manda formular esta ameaça, quem a formula é Marat, ou no mundo profano das companhias africanas—José Maria d'Alpoim, o mesmo que ha pouco tempo desafiou os republicanos a combates singulares, de que se sahio pessimamente.

Assim estamos em crêr que, se as circunstancias fazem repetir a aventura, Marat ou Alpoim, como queiram os africanistas, vae encontrar definitivamente a sua banheira.

Que, em summa, ainda é um invejavel fim de vida para quem tanto necessita lavar-se.



Se comprar uma roça é facil, sobretudo sendo-se presidente do conselho de ministros, o que simplifica extremamente certas transacções, vender uma colonia, mesmo sendo-se presidente do conselho de ministros, é difficil, por muito que se encontre comprador, porque se para comprar a roça não é necessario consultar a opinião publica, que se limita a rir quando assiste a estes negocios, para vender a colonia é necessario consultal-a, o que em geral não lhe causa a menor satisfação.

D'ahi os embaraços do actual presidente do conselho de ministros, o qual na impossibilidade de consultar satisfactoriamente a opinião publica, já se lembra de consultar apenas a guarda municipal, a qual, segundo rumores auctorizados, está disposta a dar o seu consentimento, independentemente de qualquer capciosa melhoria de rancho.

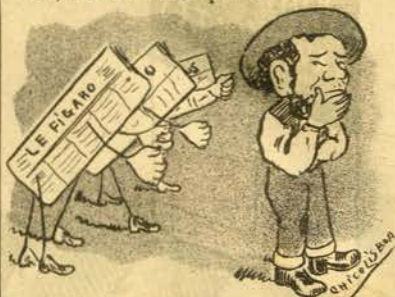
Esta seria a solução do problema.



Além da taça de Champagne na frente tribunica do sr. Magalhães Lima, o congresso está-nos produzindo algumas descomposturas na imprensa estrangeira.

E' o que se pôde chamar um acontecimento feliz.

Coincidindo com um pequeno tremor de terra, seria de marcar epocha.



Os hespanhoes continuam a affirmar que nós contamos os burros pelos pés.

Não sabemos que motivos pessoas tenham para o acreditar.



Na opinião de um congressista, a visita aos armazens de Villa Nova de Gaya foi um pretexto para proporcionar aos nossos fabricantes de vinhos uma réclame gratuita. Pelo menos, nos *mentis*, assim o parecia. Não se limitaram a fazer imprimir os nomes dos vinhos. Fizeram tambem imprimir os nomes dos fabricantes. Um pouco mais e imprimiam os preços.

Assim, por vezes, houve quem tivesse a impressão de que se tratava, não de um congresso de jornalistas, mas de um congresso de vicultores.



Idas e vindas do conde de Macedo, ministro em Hespanha.

Cambio de impresiones!